



A PRESENÇA FEMININA NO CINEMA BRASILEIRO NOS ANOS 2000

Paula Alves¹

Introdução

Tanto as relações de gênero como o cinema produzido por uma determinada sociedade são medidores e refletores das transformações populacionais. As transformações nas relações de gênero, a luta por uma redistribuição de papéis entre homens e mulheres, foi um dos mais importantes movimentos de transformação da vida social e das relações humanas. O cinema, por sua vez, como instrumento de manifestação dos ideais da classe social que o produz, revela a realidade econômica e política do país, expondo sua situação social e humana.

Em 1990, uma das primeiras medidas do então eleito Presidente da República Fernando Collor de Mello foi a extinção da Embrafilme, que nesse momento era a principal instituição governamental que dirigia toda a estrutura do cinema nacional de produção e distribuição. No novo governo criou-se uma nova legislação de apoio ao setor cultural, que permitiu o que se costuma chamar de “retomada do cinema brasileiro”. Em 91 foi criada a Lei Rouanet de incentivo à cultura através de dedução no imposto de renda do valor investido em patrocínios culturais. Em 93 é criada a Lei do Audiovisual específica para patrocínios em Cinema. O filme símbolo dessa retomada é *Carlota Joaquina – Princesa do Brasil*, de Carla Camurati.

A presença da mulher no Cinema Brasileiro

Segundo BUET (1999), no primeiro século do cinema, as mulheres estavam presentes como atrizes, principalmente, assistentes, montadoras e roteiristas. As realizadoras eram raras. As pioneiras do cinema surgem, sobretudo, em dois pólos: Estados Unidos e Europa. Esse número aumenta depois da segunda guerra. O cinema de mulheres desponta na Europa especialmente nos anos 60 e 70, carregando a identidade dos movimentos sociais e de mulheres. O cinema das diretoras contribuiu para a evolução dos modos de representação da mulher no século XX. Apesar de existirem realizadoras com carreiras de referência no cinema mundial, é marcante a dificuldade em realizar um segundo filme. A presença de mulheres na direção de filmes no início do cinema é

¹ Mestranda em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais - Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE/IBGE). Bacharel em Cinema pela Universidade Federal Fluminense – UFF.



fato episódico em todas as cinematografias. Na América Latina, as pioneiras são da década de 10, na Argentina e México, mas sem continuidade, registrando-se por décadas a ausência de diretoras.

No Brasil, para PARANAGUÁ (1999), a diferença entre o período das pioneiras e a fase da feminização progressiva da direção de longas-metragens é sensível tanto no plano quantitativo como qualitativo. Nos anos 30, temos apenas uma mulher diretora, Cléo de Verberena. Nos anos 40 são duas: Carmem Santos e Gilda de Abreu. Nos anos 50, mais duas debutantes, e nos anos 60, mais dois novos nomes. Temos nove debutantes nos anos 70, e dezoito nos anos 80. As escolas de cinema, a publicidade e a televisão favoreceram a feminização da profissão. Nos anos 90, foram dez as diretoras que estrearam em longas-metragens. No entanto, muitas delas tiveram uma única experiência e não constituíram carreira.

Nas primeiras décadas do cinema a presença feminina ainda era vista com muito preconceito, dificultando a entrada de mulheres dispostas a se arriscarem no novo campo de trabalho. Nos anos 50, o projeto de industrialização do cinema ampliou as possibilidades de profissionalização na atividade cinematográfica. Algumas mulheres passaram a exercer funções técnicas como continuístas, montadoras e roteiristas. Em meio à intensa mobilização a favor de transformações sociais, políticas e culturais que caracterizou a década de 60, foi lançada uma nova luz sobre a situação da mulher na sociedade. O cinema brasileiro ganhou nova feição com a produção crítica e intelectualizada de jovens cineastas do Cinema Novo, cuja efervescência, contudo não contemplou as mulheres (PESSOA, 1989). O prestígio alcançado pela atividade cinematográfica na década de 60, aliado a uma série de ações governamentais, a organização de cineclubes, revistas especializadas e festivais, a criação de espaços institucionais de ensino de Cinema na UFF, UnB e USP contribuíram para um quadro de condições favoráveis à aproximação das mulheres com a realização cinematográfica. Nos anos 70, aumenta consideravelmente a produção brasileira e um grande número de realizadoras começa a atuar. Dentre os temas explorados pelas realizadoras de documentário, figura o da situação da mulher na cultura e na sociedade. Entre as ficções, filmes polêmicos e ousados abordam a liberação sexual feminina e criticam o uso da mulher como objeto erótico (PESSOA, 1989).

A recuperação do cinema brasileiro nos anos 1990, é marcada pelo reconhecimento internacional e o grande número de novos realizadores. Um dos fenômenos que contribuíram em especial para essa diversidade é a presença autoral feminina. As debutantes na direção de longas-metragens juntaram-se aos nomes já conhecidos de outras diretoras que voltaram a fazer cinema após a crise, e realizaram filmes marcados por fortes identidades femininas (OTTONE, 2005).



Segundo MULVEY (1983), o espectador de qualquer sexo tem uma relação *voyeurística* com a imagem da mulher na tela. Os atores também atraíam audiência, mas, as atrizes eram adoradas por ambos os sexos. O desenvolvimento do cinema como indústria está nitidamente ligado à beleza da estrela feminina. O *star system* transformou as imagens de suas estrelas em emblemas de sexualidade. O cinema clássico narrativo de Hollywood dominou o entretenimento no mundo influenciando os cinemas nacionais de todos os países e, a imagem da mulher no cinema passou a ser ícone de sexualidade. O corpo feminino foi rapidamente transformado em objeto de consumo.

O cinema clássico, por trás da manipulação do corpo feminino como objeto de consumo e da utilização de estereótipos, reafirma a distinção de papéis de homens e mulheres, não só refletindo a sociedade como influenciando-a, num ciclo vicioso. Dessa forma, não só a representação da mulher no cinema sempre foi a partir de valores masculinos, como os próprios filmes mantinham com sua representação depreciada sua posição inferior na sociedade. Por isso, a modificação da imagem da mulher no cinema sempre teve imensa importância para o movimento feminista, não apenas como seu reflexo, mas, como seu aliado no sentido de mudar a imagem da mulher na sociedade. A partir da década de 70, se podem notar mudanças na representação da mulher nos filmes como reflexo das mudanças na condição feminina na sociedade. É exatamente a partir dos anos 70 que cresce o número de mulheres nos *sets* de cinema. Também cresce o número de mulheres ocupando cargos de direção de equipes, e de filmes dirigidos por mulheres ou homens cuja heroína é uma mulher. A partir dos 70 e 80, surgem as diretoras que fizeram carreira no cinema e atuam até hoje, como Tizuka Yamasaki, Ana Carolina, Lúcia Murat, Tetê Moraes, entre outras.

Nos anos 90 existe um novo *boom* de novas diretoras mulheres, principalmente, nos curtas-metragens, porque há também um aumento na proporção de mulheres que frequentam os cursos de cinema. A chamada retomada do cinema brasileiro, a partir de meados dos anos 90, é marcada por filmes de diretoras mulheres como Carla Camurati, Laís Bodansky, Tata Amaral, Anna Muylaert, Eliane Fonseca, Eliane Caffé, Monique Gardenberg, Mara Mourão, Helena Solberg, Rosane Svartman, Daniela Thomas, Sandra Werneck, Lina Chamie, Tânia Lamarca, entre outras.

O Cinema Brasileiro e o Cinema Feminino no contexto internacional

A revista Bravo lançou em 2007, numa edição especial, um ranking dos 100 filmes mais importantes de todos os tempos, segundo a equipe da revista. Apenas duas diretoras aparecem entre os cem filmes apontados: a alemã Leni Riefenstahl (*Olympia*, 1938), e a argentina Lucrécia Martel (*O pântano*, 2000). A ausência de mais nomes femininos é reflexo da presença tímida de diretoras



na produção cinematográfica mundial. Entre os brasileiros apenas três foram lembrados: Glauber Rocha (com *Deus e o diabo na terra do sol*, 1964), Fernando Meirelles (*Cidade de Deus*, 2002) e o argentino radicado no Brasil Hector Babenco (*Pixote - a lei do mais fraco*, 1981).

Outro ranking lançado recentemente (RAMOS, 2009) seleciona 290 filmes entre os quase 2000 lançados no mercado brasileiro entre os anos de 2005 e 2008. Entre os brasileiros, as mulheres estão presentes com: *Celeste & Estrela*, Betse de Paula; *Chega de saudade*, Laís Bodanzky; *Linha de passe*, co-direção de Walter Salles com Daniela Thomas; *Quase dois irmãos*, Lúcia Murat; *Doutores da alegria – o filme*, Mara Mourão; e *Iluminados*, Cristina Leal. São 5 filmes dirigidos por mulheres e 1 co-dirigido entre os 55 filmes brasileiros. Entre os internacionais, estão: *Os produtores*, Susan Stroman (EUA); *A menina santa*, Lucrécia Martel (Argentina); *A vida secreta das palavras*, Isabel Coixet (Espanha); *Além do desejo*, Pernille Fischer Christensen (Dinamarca); *Coisas que perdemos pelo caminho*, Susanne Bier, (Dinamarca); *Fatal*, Isabel Coixet; *Lady Chatterley*, Pascale Ferran (França); *Longe dela*, Sarah Polley (Canadá); *Nome de família*, Mira Nair (Índia); *O segredo de Beethoven*, Agnieszka Holland (Polônia); *Pequena Miss Sunshine*, co-dirigido por Jonathan Dayton e Valerie Faris. São 10 filmes (2 de uma mesma diretora) dirigidos por mulheres, e 1 co-dirigido, entre os 235 filmes.

Outro autor arrisca listar os 1001 filmes mais importantes de todos os tempos (SCHNEIDER, 2008), entre os quais são dirigidos por mulheres: *A sorridente Madame Beudet*, de Germaine Dulac, (1922, França); *O triunfo da vontade*, de 1934, e *Olympia*, de 1938, ambos de Leni Riefenstahl, (Alemanha); *Meshes of the afternoon*, de Maya Deren e Alexander Hammid, (1943, EUA); *O bígamo*, Ida Lupino, (1953, EUA); *Cléo de 5 às 7*, de 1962, *Duas garotas românticas*, co-dirigido por Jacques Demy, 1967, *Sem teto nem lei*, 1985, e *Os catadores e eu*, 2000, todos de Agnès Varda, (França); *The cool world*, de Shirley Clarke, (EUA, 1963); *Khaneh siah ast*, de Forugh Farrokhzad, (1963, Irã); *As pequenas margaridas*, Vera Chytilová, (1966, Tchecoslováquia); *Wanda*, de Barbara Loden, (EUA, 1971); *O rapaz que partia corações*, de Elaine May, (EUA, 1972); *Jeanne Dielman*, de Chantal Akerman, (1975, Bélgica); *India song*, Marguerite Duras, (França, 1975); *Voskhozhdenie*, de Larisa Shepitko, (Rússia, 1976); *My brilliant career*, Gillian Armstrong, (Austrália, 1979); *Picardias studentis*, de 1981, e *As patricinhas de Beverly Hills*, de 1995, ambos de Amy Heckerling, (EUA); *Uma questão de silêncio*, de Marleen Gorris, (1982, Holanda); *Os filhos do silêncio*, Randa Haines, (1986, EUA); *Quero ser grande*, Penny Marshall, (EUA, 1988); *Síndrome astênica*, de Kira Muratova, (1989, Rússia); *S'en fout la mort*, de 1990, e *Beau travail*, de 1999, ambos de Claire Denis, (França); *Filhos da guerra*, Agnieszka



Holland (Polônia, 1990); *O piano*, de Jane Campion, (Nova Zelândia, 1993); *Pequena Miss Sunshine*, co-dirigido por Jonathan Dayton e Valerie Faris, (EUA, 2006). São 26 filmes dirigidos por mulheres, e 3 co-dirigidos, por 23 diretoras, de um total de 1001 filmes. Entre os brasileiros, foram lembrados 17 filmes brasileiros, de 14 diretores, nenhuma mulher, entre os 1001 filmes.

Metodologia

Para a realização deste trabalho foram analisados dados extraídos de uma pesquisa lançada em junho de 2009, realizada pelo pesquisador Antonio Leão da Silva Neto, através do patrocínio e apoio da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, do Fundo Nacional de Cultura e do Instituto Brasileiro Arte e Cultura. Como o ano de 2009 estava incompleto na pesquisa de Silva Neto, foi utilizada como fonte para completar essa informação a base de dados do portal Filme B, um portal especializado no mercado de cinema no Brasil.

Foi montada uma base de dados, a partir dos dados originais das fontes citadas, contendo informações dos filmes de longa-metragem finalizados/lançados entre os anos 2000 e 2009, como: título, nome do diretor/a, sexo do diretor/a, ano de finalização/lançamento, roteirista, produtor, protagonista, diretores de equipe, sinopse, temática, entre outras.

O ano do filme obedece ao seguinte critério: foi considerado o ano de lançamento para filmes lançados no circuito comercial ou em festivais; foi considerado o ano de finalização para filmes prontos, mas não lançados comercialmente. Foi considerada a classificação internacional de filme de longa-metragem, primeiramente, porque a pesquisa original realizada por Silva Neto também segue esta classificação, e em segundo lugar, para que se possam fazer comparações em futuros estudos entre as características da cinematografia brasileira com a de outros países. Segundo a classificação usada pelos festivais de cinema internacionais, é considerado filme de longa-metragem aquele que tiver duração igual ou superior a 60 minutos. São considerados filmes captados/finalizados em película cinematográfica ou tecnologias digitais.

Resultados

Foram considerados todos os filmes de longa-metragem finalizados/lançados entre os anos 2000 e 2009, segundo as fontes já citadas, para a análise da direção. Observa-se na tabela 1, a distribuição dos filmes de longa-metragem, entre os anos 2000 e 2009, por diretores homens e mulheres, ou que foram co-dirigidos por homens e mulheres. Nota-se que os filmes dirigidos por



mulheres representam apenas 14,76% do total da produção cinematográfica do país na década, chegando ao máximo de 25% em 2002, e em 22,43% em 2005.

TABELA 1
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS FILMES DE LONGA-METRAGEM FINALIZADOS/LANÇADOS NO BRASIL POR SEXO DO DIRETOR, ENTRE 2000 E 2009

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	total
HOMENS	81,25	84,13	75,00	85,00	87,84	73,83	81,89	75,84	79,86	83,56	79,94
MULHERES	14,06	12,70	25,00	11,25	8,11	22,43	11,81	15,44	14,58	12,33	14,76
CO-DIRIGIDOS	4,69	3,17	0,00	3,75	4,05	3,74	6,30	8,72	5,56	4,11	5,31

Fontes: SILVA NETO (2000-2008) e FILME B (2009).

As informações referentes à produção e ao roteiro dos filmes não estavam completas. Por isso, foram feitas, primeiramente, as tabelas 2 e 4 considerando-se os filmes com informações faltantes. E posteriormente, as tabelas 3 e 5 considerando-se apenas os filmes com dados completos. Se tomarmos o total de filmes com informações completas como uma amostra do total de filmes, teremos uma amostra não aleatória, por conveniência, no entanto, ainda assim uma amostra valiosa lembrando que estamos considerando 729 filmes de um total de 942 para o roteiro, e 646 para a produção.

Na tabela 2, que considera todos os filmes entre 2000 e 2009, chama atenção o número de filmes co-roteirizados por homens e mulheres ser superior aquele dos filmes cujos roteiros foram realizados apenas por mulheres. Enquanto que os filmes cujos roteiristas são homens representam 53,29%, considerando o total de filmes, aqueles cujas roteiristas são mulheres representam 10,08% – uma diferença de 43,21 pontos percentuais.

TABELA 2
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS FILMES DE LONGA-METRAGEM FINALIZADOS/LANÇADOS NO BRASIL POR SEXO DO ROTEIRISTA, ENTRE 2000 E 2009

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	total
HOMENS	56,25	52,38	55,00	58,02	63,51	52,34	56,69	47,65	56,25	35,62	53,29
MULHERES	7,81	9,52	8,33	4,94	6,76	22,43	7,87	10,74	10,42	6,85	10,08
AMBOS	14,06	14,29	10,00	27,16	6,76	11,21	14,17	19,46	13,19	4,11	14,01
SEM INFO	21,88	23,81	26,67	9,88	22,97	14,02	21,26	22,15	20,14	53,42	22,61

Fontes: SILVA NETO (2000-2008) e FILME B (2009).

A tabela 3 mostra os dados quando consideramos apenas os filmes dos quais temos a informação para o roteiro. Quando consideramos apenas os filmes com a informação para roteiro, essa diferença aumenta para 55,83 pontos percentuais - 68,86% para homens e 13,03% para mulheres.

TABELA 3
DISTRIBUIÇÃO AMOSTRAL PERCENTUAL DOS FILMES DE LONGA-METRAGEM FINALIZADOS/LANÇADOS NO BRASIL POR SEXO DO ROTEIRISTA, ENTRE 2000 E 2009

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	total
HOMENS	72,00	68,75	75,00	64,38	82,46	60,87	72,00	61,21	70,43	76,47	68,86



MULHERES	10,00	12,50	11,36	5,48	8,77	26,09	10,00	13,79	13,04	14,71	13,03
AMBOS	18,00	18,75	13,64	30,14	8,77	13,04	18,00	25,00	16,52	8,82	18,11

Fontes: SILVA NETO (2000-2008) e FILME B (2009).

É importante considerar o roteiro porque esta função na produção cinematográfica é tão importante, ou mais, para a construção de personagens, para a representação de homens e mulheres, e para o desenvolvimento da trama e da temática do filme quanto à direção. Veremos mais a frente neste trabalho que a direção e o roteiro têm comportamentos semelhantes quando comparamos o sexo do protagonista do filme segundo o sexo do diretor e do roteirista.

Na produção de filmes as mulheres alcançam valores melhores do que os da direção e do roteiro, mas ainda distantes dos homens, 15,61% quando consideramos todos os filmes (tabela 4), e 22,76% quando consideramos apenas os filmes com a informação de produção (tabela 5). Vale lembrar que a produção costuma ser apontada como um dos cargos de maior presença feminina no cinema.

TABELA 4
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS FILMES DE LONGA-METRAGEM FINALIZADOS/LANÇADOS NO BRASIL POR SEXO DO PRODUTOR, ENTRE 2000 E 2009

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	total
HOMENS	35,94	46,03	38,33	44,44	44,59	39,25	37,80	32,89	29,86	24,66	36,52
MULHERES	12,50	12,70	18,33	14,81	16,22	16,82	19,69	18,79	14,58	5,48	15,61
CO- PRODUZIDOS	12,50	14,29	13,33	18,52	16,22	20,56	17,32	16,11	17,36	13,70	16,45
SEM INFO	39,06	26,98	30,00	22,22	22,97	23,36	25,20	32,21	38,19	56,16	31,42

Fontes: SILVA NETO (2000-2008) e FILME B (2009).

TABELA 5
DISTRIBUIÇÃO AMOSTRAL PERCENTUAL DOS FILMES DE LONGA-METRAGEM FINALIZADOS/LANÇADOS NO BRASIL POR SEXO DO PRODUTOR, ENTRE 2000 E 2009

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	total
HOMENS	58,97	63,04	54,76	57,14	57,89	51,22	50,53	48,51	48,31	56,25	53,25
MULHERES	20,51	17,39	26,19	19,05	21,05	21,95	26,32	27,72	23,60	12,50	22,76
CO- PRODUZIDOS	20,51	19,57	19,05	23,81	21,05	26,83	23,16	23,76	28,09	31,25	23,99

Fontes: SILVA NETO (2000-2008) e FILME B (2009).

A informação para protagonista não existia nas fontes originais de dados. Essa informação foi criada na construção da base de dados, a partir de critérios pessoais, para os filmes que assisti. A tabela 6 mostra os dados considerando o total de filmes entre 2000 e 2009, e a tabela 7 apenas para os filmes com a informação para protagonista.

TABELA 6
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS FILMES DE LONGA-METRAGEM FINALIZADOS/LANÇADOS NO BRASIL POR SEXO DO PROTAGONISTA, ENTRE 2000 E 2009

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	total
HOMENS	46,88	34,92	36,67	35,80	35,14	34,58	32,28	34,90	35,42	41,10	36,09
MULHERES	10,94	15,87	20,00	14,81	17,57	16,82	14,17	12,08	10,42	13,70	14,12



AMBOS	1,56	0,00	3,33	3,70	0,00	0,93	1,57	0,67	2,08	1,37	1,49
SEM INFO	40,63	49,21	40,00	45,68	47,30	47,66	51,97	52,35	52,08	43,84	48,30

Fontes: SILVA NETO (2000-2008) e FILME B (2009).

TABELA 7
DISTRIBUIÇÃO AMOSTRAL PERCENTUAL DOS FILMES DE LONGA-METRAGEM FINALIZADOS/LANÇADOS NO BRASIL POR SEXO DO PROTAGONISTA, ENTRE 2000 E 2009

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	total
HOMENS	78,95	68,75	61,11	65,91	66,67	66,07	67,21	73,24	73,91	73,17	69,82
MULHERES	18,42	31,25	33,33	27,27	33,33	32,14	29,51	25,35	21,74	24,39	27,31
AMBOS	2,63	0,00	5,56	6,82	0,00	1,79	3,28	1,41	4,35	2,44	2,87

Fontes: SILVA NETO (2000-2008) e FILME B (2009).

A fim de verificar se o protagonismo feminino nos filmes pode ser influenciado pela presença da mulher na direção, roteiro ou produção, foram cruzados os dados dos filmes dessa variável com cada uma das variáveis citadas. Ao fazer esse cruzamento, foram considerados apenas os filmes para os quais as duas informações eram conhecidas.

Na tabela 8 apresentamos os dados desse cruzamento para a direção cinematográfica. Percebemos que a proporção de mulheres protagonistas é consideravelmente maior entre os filmes dirigidos por mulheres do que entre os filmes dirigidos por homens. Isso pode ser um indicativo de que o sexo do diretor influencie o sexo do protagonista do filme, e conseqüentemente, a importância de personagens femininas e masculinas na trama.

TABELA 8
DISTRIBUIÇÃO AMOSTRAL PERCENTUAL DOS LONGAS-METRAGENS FINALIZADOS/LANÇADOS NO BRASIL POR SEXO DO PROTAGONISTA SEGUNDO SEXO DO DIRETOR, ENTRE 2000 E 2009

	DIRETOR/A	HOMENS	MULHERES	AMBOS
PROTAGONISTA				
HOMENS		74,81	46,34	70,00
MULHERES		22,86	47,56	30,00
AMBOS		2,34	6,10	

Fontes: SILVA NETO (2000-2008) e FILME B (2009).

Na tabela 9, são apresentados os dados para o cruzamento entre protagonista e roteirista por sexo. Da mesma forma, percebemos que a proporção de mulheres protagonistas é maior entre os filmes cujos roteiros são realizados por mulheres do que entre os filmes cujos roteiristas são homens. Isso pode indicar que o sexo do roteirista também influencie o sexo do protagonista do filme, e conseqüentemente, a importância de personagens femininas e masculinas na trama.

TABELA 9
DISTRIBUIÇÃO AMOSTRAL PERCENTUAL DOS LONGAS-METRAGENS FINALIZADOS/LANÇADOS NO BRASIL POR SEXO DO PROTAGONISTA SEGUNDO SEXO DO ROTEIRISTA, ENTRE 2000 E 2009

	ROTEIRISTA	HOMENS	MULHERES	AMBOS
PROTAGONISTA				
HOMENS		76,03	50,00	61,04
MULHERES		21,35	50,00	32,47



AMBOS		2,62	0,00	6,49
-------	--	------	------	------

Fontes: SILVA NETO (2000-2008) e FILME B (2009).

Quando cruzamos o sexo dos diretores e roteiristas com o sexo dos protagonistas, verificamos que os filmes com diretoras e roteiristas mulheres apresentam uma igualdade entre os protagonistas homens e mulheres. Mas isso não ocorre com os filmes cujas produtoras são mulheres, pois nesses filmes a proporção de protagonistas não se altera com o sexo do produtor, mantendo a maioria para os homens. Isso pode indicar que o sexo do produtor não influencia tanto a trama, temática ou construção de personagens dos filmes.

É natural que se espere que os diretores e roteiristas tenham maior influência no conteúdo artístico e temático dos filmes do que os produtores.

TABELA 10
DISTRIBUIÇÃO AMOSTRAL PERCENTUAL DOS LONGAS-METRAGENS
FINALIZADOS/LANÇADOS NO BRASIL POR SEXO DO PROTAGONISTA SEGUNDO SEXO DO
PRODUTOR, ENTRE 2000 E 2009

	PRODUTOR/A	HOMENS	MULHERES	AMBOS
PROTAGONISTA				
HOMENS		68,95	68,29	65,93
MULHERES		28,95	28,05	29,67
AMBOS		2,11	3,66	4,40

Fontes: SILVA NETO (2000-2008) e FILME B (2009).

Considerações finais

Os dados mostraram que entre os anos 2000 e 2009, no Brasil, o número de mulheres na direção dos filmes de longa-metragem ainda é significativamente menor do que o de homens, assim como desempenhando outras funções de chefia e importância para a realização dos filmes, como roteirista e produtor, ao contrário do que se podia imaginar para esta última. Da mesma forma, a maior parte dos filmes ainda apresenta protagonismo masculino, o que pode ser, em parte, consequência da presença minoritária de mulheres em outras funções.

Apesar do crescimento constante da presença feminina em todos os campos de trabalho, desempenhando todo tipo de função, inclusive aquelas tidas como masculinas, as mulheres ainda não chegaram quantitativamente à direção, aos cargos máximos de chefia, nem ao poder.

A arte e a cultura têm papel fundamental, seja na retransmissão de antigos e tradicionais valores e distinção de papéis entre os sexos, as raças, as opções sexuais, as classes econômicas ou qualquer outra classificação e rotulação de grupos na sociedade, ou ao contrário, na transformação desses valores, na desconstrução de rótulos, na sugestão de novas divisões de papéis e ações que vão refletir nas políticas públicas do país.



Como vimos, no cinema brasileiro os cargos que comandam a construção das personagens e os papéis que homens e mulheres representam na tela como reflexo da realidade na sociedade ainda estão nas mãos de homens: a direção e o roteiro, principalmente. Enquanto o cinema prioriza protagonistas homens, estamos retransmitindo a concentração de poder nas figuras masculinas.

Talvez o aumento de mulheres exercendo as funções de direção e roteiro possa refletir nas temáticas e perspectivas dos filmes e impulsionar um aumento de protagonistas mulheres. Os filmes seguem, normalmente, o ponto de vista de quem escreve a história a ser contada, e de quem a conta – ou seja, dos roteiristas e diretores. Por isso, é natural que diretores e roteiristas homens realizem filmes a partir de pontos de vista masculinos, com personagens centrais homens, e vice-versa. Por outro lado, o cinema representa a sociedade que o produz, portanto, a baixa representação da mulher em personagens centrais pode ser entendida como reflexo da menor presença feminina em papéis de destaque na sociedade, seja na política, na economia, na família, no mercado de trabalho.

Referências Bibliográficas

- BRAVO! ESPECIAL. 100 filmes essenciais. 2ª edição. São Paulo: Editora Abril, 2008.
- BUET, Jackie (org). *Films de Femmes – six générations de réalisatrices*. Paris: Editions Alternatives, 1999, p. 4-11.
- FILME B. Database Brasil. Disponível em: < <http://www.filmeb.com.br/database> >.
- MULVEY, Laura. Prazer Visual e Cinema Narrativo. In: XAVIER, Ismail (org) *A Experiência do Cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- OTTONE, Giovanni. Terra Brasil 95-05. *El Renacimiento del cine brasileño*. Festival Internacional de Cine de Las Palmas, 2005. Madri: T&B Editores, 2005.
- PARANAGUÁ, Paulo Antonio. Les réalisatrices d'Amérique Latine revisitent la culture populaire. In: BUET, Jackie (org). *Films de Femmes – six générations de réalisatrices*. Paris: Editions Alternatives, 1999. p. 75-81
- PESSOA, Ana. Por trás das câmeras. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Realizadoras de cinema no Brasil: (1930/1988)*. Rio de Janeiro: CIEC, 1989, 133 p.
- RAMOS, Luciano. *Os melhores filmes novos: 290 filmes comentados e analisados*. São Paulo: Contexto, 2009.
- SCHNEIDER, Steven Jay (editor). *1001 filmes para ver antes de morrer*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- SILVA NETO, Antônio Leão da. *Dicionário de filmes brasileiros: longa-metragem – 2ª edição revista e atualizada*. São Bernardo do Campo, SP. Ed. do Autor, 2009.